

Quali x Quanti – Quanti x Quali: Desevendando Mitos e verdades sobre as Abordagens na Pesquisa em Ciências Contábeis

Marcia Zaniewicz da Silva

Universidade Regional de Blumenau – FURB

Jonas Cardona Venturini

Universidade Regional de Blumenau - FURB

Evandro De Nez

Universidade Regional de Blumenau - FURB

Resumo

Esse ensaio teórico tem como objetivo abordar os tipos de pesquisa denominados quali e quantitativa, no que tange a análise dos dados, abordando os desafios e as dificuldades que seu uso pode trazer na área das Ciências Sociais. Vale ressaltar que não tem como finalidade descaracterizar o uso de um ou outro tipo e, sim ao contrário discutir as possíveis aplicações em favor da construção de uma pesquisa que se quer coerente e adequada. Esse estudo de tipos diferentes de metodologias possibilita ao investigador conhecer e optar entre eles, se necessário, consciente de suas possibilidades, limites e implicações. Conclui-se que não há uma relação de contradição entre a abordagem quantitativa e qualitativa, cada uma tem seus aspectos próprios, suas concepções. Não há contradição metodológica, bem como não há maior cientificidade epistemológica de uma ou outra, sendo deixado a encargo do pesquisador observar o que é adequado a sua pesquisa, para assim realizar a melhor escolha possível, visando a resolução do problema de pesquisa, desde que realizada adequadamente e com coerência. Contudo, deixa-se a ideia que pesquisadores em ciências sociais aplicadas devem buscar o melhor para suas pesquisas, independente do paradigma a quais estão inseridos, buscando assim a melhora do estudo da ciência, não se prendendo a títulos ou conceitos previamente determinados.

Palavras-chave:

Pesquisa. Abordagem qualitativa e quantitativa. Ciências Sociais.

INTRODUÇÃO

O ato de pesquisar supõe que se possa delinear um objeto científico distinto dos objetos construídos pelo senso comum, pela atividade humana ou pela opinião pública. Se constrói nessa ruptura em relação ao saber imediato, através de um paradigma, que para Kuhn (1978) é um conceito de origem grega que significa padrão.

Sinteticamente, é aquilo que os membros de uma comunidade científica compartilham, sua definição recorre a um forte componente sociológico, pois está associado à ideia de comunidade de investigação científica. Um paradigma não é atemporal e deslocado, está situado num momento histórico e impregnado de valores, muitas vezes impostos pela sociedade (Kuhn, 1978).

Deste modo, qualquer construção na realidade não é, porém, nem definitiva, nem dogmática, embora possa e deva ser sistemática e rigorosa. Segundo Guerra (2008), na prática, a pesquisa não existiria sem uma revisão aguda da literatura, que a situa numa tradição teórica, a qual tem sua história feita de rupturas.

Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) esclarecem que as teorias são redes que capturam e explicam o mundo. É, parte constituinte do processo metodológico, sendo uma ferramenta importante pela qual o cientista deve passar. Não se considera a ruptura epistemológica como somente uma mudança de paradigmas, mas o próprio conhecimento daquilo que o pesquisador crê, de onde vem as suas escolhas, suas opções, onde esta posicionado epistemologicamente.

Partindo desse pressuposto, é notório que a definição do objeto é um momento difícil que se prolonga ao longo do tempo de levantamento de hipóteses acerca do assunto, sendo algumas vezes considerado até um trabalho “artesanal”. Assim, uma parte dos pesquisadores acredita que, se possuir um tema ou uma problemática ou uma realidade a ser pesquisada, tem-se um objeto de estudo. Todavia, isto não acontece de forma simples e fácil.

O primeiro delineamento do objeto pode ser especificado como descritivo e empírico, porém deve-se evitar o senso comum, afastando-o para interrogar as evidências, Guerra (2008) expõe que o pesquisador deve ter um comportamento adequado perante a esta condição, sendo obrigatório para qualquer tipo de pesquisa, considerado este como o primeiro entrave epistemológico a qual o autor perpassa.

Depois da definição baseada na empiria indutiva, numa segunda etapa, que acontece simultaneamente, há um aprofundamento dessa realidade, através da recolha sistemática de informação já existente em uma breve aproximação à problemática teórica, na leitura da bibliografia pertinente ao estudo (Cervo & Bervian, 2002).

Severino (2010) pondera que construir o objeto de conhecimento é explorar a estrutura dos objetos, mediante instrumentos epistemológicos e técnicos adequados, a partir de fontes que efetivam sua validade. Neste sentido, o objeto define-se progressivamente, o investigador vai instigando a sua atenção e escolhendo os contornos da questão por meio de uma clarificação, que é produzida à medida que o processo vai se realizando, em busca de uma abordagem sistemática.

Portanto, o conhecimento obtido pela pesquisa é situado, vinculado a critérios de escolha e interpretação de dados. A investigação científica é, então, um ato de construção, onde cada elemento envolvido não é apenas mais uma informação, mas que contribui decisivamente para o desenvolvimento das respostas/hipóteses elaboradas.

Segundo Gatti (2007), a pesquisa é um cerco em redor de um problema, sendo que cabe ao pesquisador a escolha de instrumentos adequados para responder a questão. Além de compreendê-la, escolhem-se caminhos a serem empregues, bem como a forma de se proceder, isso com o intuito de encontrar a resposta ao problema, com estratégias adequadas.

Por isso, é necessário caracterizar a pesquisa como uma atividade que requer habilidades e conhecimentos específicos, e que o pesquisador tem, em sua bagagem, pressupostos que norteiam suas ações. Para realizá-la, selecionam abordagens, com soluções metodológicas diferentes, na tentativa de superar algumas das limitações da pesquisa.

Dentre as abordagens a serem escolhidas pelo pesquisador, com o intuito de cercar o problema, têm-se a qualitativa e a quantitativa. Para Richardson (1989), que classifica qualitativo e quantitativo como um método, o pesquisador deve planejar e executar a pesquisa conforme as normas e procedimentos a que cada método requer. Desta feita, além do pesquisador, no momento da escolha, determinar o melhor método para resolução do seu problema de pesquisa, deve realizar a pesquisa de acordo com as normas e procedimentos do método escolhido.

No momento em que o pesquisador se depara com esta escolha, muitas vezes transparece que a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa estão em posição de oposição de uma para a outra, contudo, autores como Minayo e Sanches (1993) descrevem que não são opostas, mas sim, complementares. Esta condição é percebida a partir do momento que os problemas podem ser examinados por um viés quantitativo, ou seja, mais tangível; e, a partir desta condição, ser explorado de forma mais aprofundada, por um viés qualitativo, com significados intangíveis a serem investigados (Minayo & Sanches, 1993).

Assim, este artigo tem como objetivo abordar os tipos de abordagem qualitativa e quantitativa, no que tange a análise dos dados, abordando os desafios e as dificuldades que seu uso pode trazer na área da Ciência Social. Ressalta-se que não tem como finalidade descaracterizar o uso de um ou outro tipo, mas sim possibilitar ao investigador conhecer e optar entre eles, se necessário, consciente de suas possibilidades, limites e implicações.

Este estudo tem uma perspectiva diferente de estudos tradicionais, sendo realizado em forma de ensaio teórico. Ao invés do objetivo geral e específicos, da justificativa, da fundamentação teórica, da metodologia, da coleta e análise dos dados e da conclusão (estrutura tradicional), neste, têm-se uma estrutura desconstruída, não contendo a lógica tradicional exposta, mas ideias que possuem a pretensão de explorar respostas e asserções, visando que os leitores possam realizar reflexões mais profundas (Meneghetti, 2011).

A justificativa para realização do estudo se dá na sua própria construção, baseada na ideia que o conhecimento está em desenvolvimento e requer reflexões aprofundadas, visando levar o leitor a construção do seu próprio entendimento. Desse modo, para Meneghetti (2011) este tipo de estudo, deve ser lido por indivíduos que estão distantes de julgamentos quanto ao formalismo da ciência, para assim aproveitarem o máximo este constructo, visando a construção do conhecimento com um viés para a evolução.

Neste sentido, o texto está dividido em três partes além da introdução e das considerações finais, a primeira delas trata exclusivamente da pesquisa quantitativa, enquanto a outra desenvolve o uso da pesquisa qualitativa. Ao final, é apresentada a discussão final acerca do levantamento sobre os mitos e verdades no que tange a relação quali x quanti – quanti x quali.

PESQUISA QUANTITATIVA

Nesse tipo de abordagem, os investigadores buscam exprimir as relações de dependência funcional entre variáveis para tratarem dos fenômenos. Identificam os elementos constituintes do objeto estudado, estabelecendo a estrutura e a evolução das relações entre os elementos. Gamboa (1995) descreve que seus dados são métricos (medidas, comparação e padrão) e as abordagens podem ser: experimentais, hipotético-dedutivas, verificatórias, tendo como base as metateorias formalizantes e descritivas.

Para Diehl e Tatim (2004) as pesquisas com o cunho quantitativo são aquelas que primam pela quantificação, desde a coleta dos dados, passando pelo tratamento das informações. Empregam técnicas estatísticas com o objetivo de alcançar soluções precisas, resguardando possíveis deficiências na análise e compreensões dos resultados, sendo assim, resultados confiáveis devidos as técnicas estatísticas utilizadas durante o processo da investigação.

A justificativa para os autores que a utilizam é de que esta abordagem é adequada para o propósito de assegurar a exatidão dos resultados, desta feita, protegendo a pesquisa de deficiências de análise e compreensão, haja vista a utilização de técnicas estatísticas que dão suporte as análises com certa margem de confiança para algumas áreas do conhecimento (Richardson, 1989).

Ainda conforme Richardson (1989), a abordagem quantitativa é regularmente utilizada em estudos descritivos, onde há necessidade de analisar relações entre variáveis ou ainda, a relação de casualidade entre fenômenos. Tripoldi *et al.* (1981) considera este tipo de estudo quantitativos-descritivos como uma categoria dentro da pesquisa, sendo que esta categorização contém outras formas de classificar as pesquisas.

A abordagem quantitativa, quando utilizada em estudos nas Ciências Sociais proporciona a medição de opiniões, comportamentos, práticas e rotinas, sendo que sua aplicação realizada em uma amostra acaba por representar estatisticamente o universo estudado (Lincoln & Denzin, 2005; Hayati; Karami & Slee, 2006). Para os autores, suas principais características são:

- Segue um esquema prefixado, com a intenção de medir as ocorrências estudadas;
- Emprega teorias para desenvolvimento de hipóteses da pesquisa;
- Uso de teorias para justificativa na utilização de variáveis da pesquisa;
- Investiga as relações entre as variáveis da pesquisa por intermédio de métodos estatísticos, as quais são utilizadas com grande rigidez;
- Analisa a hipótese de pesquisa por dedução; e,
- Geralmente usa informações de parte da população, chamada de amostra, a qual a partir dos resultados destes estende o entendimento para toda a população.

Pelo exposto por Richardson (1989), percebe-se a importância de estudos quantitativos para as pesquisas na Ciência Social, haja vista que neste tipo de estudo é imprescindível a condição de averiguação de relações entre variáveis, possibilitando ao pesquisador verificar o grau de relações, bem como o conhecimento de como as variáveis se relacionam, sendo fundamental tal condição nessa área do conhecimento.

Demo (1995, p. 133) também confirma que “Em termos quantitativos, as ciências sociais, já dispõem de bagagem apreciável de pesquisa empírica e, por mais que existam vícios, limitações e também mistificações, é um produto de particular significado metodológico”.

Collis e Hussey (2005) indicam que o quantitativo esta relacionado com o paradigma positivista. Para os autores, o aporte a qual o pesquisador se enquadra tem enorme determinação na metodologia a qual ele irá escolher. Neste sentido, há uma tendência de que os positivistas usem os métodos estatísticos, ou seja, ao quantitativo.

O positivismo defende que o método quantitativo é o mais adequado para observar e analisar as partes constituintes da realidade, de forma a esclarecer leis universais. Assim, a objetividade é uma condição inerente ao conhecimento científico, que para Günther, (2006, p. 202) é “[...] a maneira de chegar a tal compreensão é por meio de explicações ou compreensões das relações entre variáveis”.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa quantitativa considera que tudo pode ser quantificável. O que significa traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las, requerendo o uso de recursos e de técnicas estatísticas para essa construção analítica (Gamboa, 1995). Têm como vantagens a automaticidade e precisão; e, como limites a determinação prévia de resultados.

Segundo Flick (2013) os estudos são planejados e devem garantir sua objetividade, eliminando-se, em grande parte, as opiniões subjetivas dos participantes da pesquisa. Assim, não se dá voz aos sujeitos entrevistado e trabalha-se com as estatísticas produzidas pelos procedimentos escolhidos.

PESQUISA QUALITATIVA

A abordagem de análise de dados denominada qualitativa possui um alto grau de maturidade e refinamento subjetivo. Não se preocupa apenas com a representatividade numérica, ao contrário, considera o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização. Gamboa (1995) esclarece que se busca explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém, mas não se quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos.

Diehl e Tatim (2004) descrevem que as pesquisas com o cunho qualitativo são aquelas que relatam a complexidade do problema estabelecido, sendo imprescindível a sua compreensão e classificação de forma dinâmica. Sendo necessária tal concepção, devido a necessidade de percepção das mais diversas peculiaridades do problema que está sendo estudado.

Para Richardson (1989) este tipo de pesquisa se diferencia da quantitativa, pois não utiliza nenhuma ferramenta estatística como suporte para o estudo de um determinado problema, sendo que não tem a intenção de mensurar ou enumerar qualquer tipo de categoria, bem como não analisa relações entre variáveis.

A pesquisa qualitativa “designa uma variedade de técnicas interpretativas que tem por fim descrever, decodificar e traduzir certos fenômenos sociais que se produzem mais ou menos naturalmente. Estas técnicas dão mais atenção ao significado destes fenômenos do que à sua frequência” (Guerra, 2008, p. 11). A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas nesta abordagem.

Cabe ressaltar que para Tesch (1990) esses fenômenos sociais vão muito além de palavras, sendo possível identificá-los em figuras, fotografias, pinturas, desenhos, filmes, dentre outros. Em organizações, essa condição pode ser verificada em observação de posturas e gestos, que vão além das palavras.

Assim, há um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido apenas em números. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Segundo Gamboa (1995) essa abordagem é descritiva e sua análise é feita a partir da indução. O processo e seu significado são os focos principais desse procedimento analítico.

As vantagens do uso deste tipo de pesquisa são diversas. André (1983) expõe que permite apreender o caráter complexo e multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural. Além de capturar os diferentes significados das experiências, de modo a auxiliar na compreensão das relações entre os indivíduos e suas ações. Uma característica é o seu padrão cíclico, diferente do padrão linear do paradigma quantitativo. Essa forma de abordagem do real permite ao pesquisador e ao pesquisado um movimento sobre a interpretação do real.

Nessa abordagem, as ideias centrais que conduzem o processo de análise diferem daquelas empregadas na pesquisa quantitativa. Bauer, Gaskell e Allum (2008) destacam outras características:

- Escolha correta de métodos e teorias;
- Reconhecimento e análise de diferentes perspectivas;
- Reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento; e,
- Variedade de abordagens e métodos.

Gil (2009) destaca que a pesquisa qualitativa é eficiente para obtenção de dados em profundidade acerca dos mais diversos aspectos da vida social e a mais flexível de todas as técnicas de levantamento de informações.

Para definição do que é exatamente a pesquisa qualitativa, há duas dificuldades, a primeira passa pela abrangência do conceito, haja vista a problemática de se estabelecer limites deste campo de investigação, bem como as características dessa ação. A segunda esta relacionada com a obtenção de uma concepção precisa da ideia do que é exatamente a pesquisa qualitativa, sendo a complexidade respaldada pela quantidade de suportes teóricos que a sustentam (TRIVINOS, 1988).

CONTRAPONDO AS ABORDAGENS

Quando se fala nos tipos de pesquisa qualitativa e quantitativa, sempre é possível relembrar a condição de oposição de uma para com a outra, alguns autores, tais como Minayo e Sanches (1993) tentam colocá-las não como opostas, mas como complementares. Assim, ressalta-se o fato de que sua natureza diferenciada não equivale à mútua exclusão no que se relaciona à compreensão da realidade e que podem ser complementares.

Esse confronto para Gatti (2007, p. 73) tem a ver com o uso da metodologia qualitativa na busca de métodos alternativos aos modelos experimentais e aos estudos empiristas, “cujo poder explicativo sobre os fenômenos educacionais vinha sendo posto em questão, como ocorreu com os conceitos de objetividade e neutralidade embutidos nesses modelos”. As alternativas apresentadas por esse tipo de análise se espraiam num universo heterogêneo de técnicas, que passam pela análise de conteúdo, pelos estudos de caso, pela pesquisa participante, pelos estudos etnográficos, entre outros modelos.

Outros autores discorrem sobre esta divisão, tais como Collis e Hussey (2005), no qual indicam que o quantitativo esta relacionado com o paradigma positivista e o qualitativo com o paradigma fenomenológico. No decorrer de seu texto indicam em vários momentos que o paradigma a qual o pesquisador se enquadra tem enorme determinação na metodologia a qual ele irá escolher. Os autores indicam que a tendência é que os positivistas usem os métodos quantitativos e os que estudam as fenomenologias pelo viés qualitativo.

Um contraponto mais claro quanto a Collis e Hussey (2005) esta no estudo de Weber (2004) que apesar de trazer o positivismo intimamente ligado aos métodos estatísticos, ou seja, ao quantitativo, denomina a outra vertente como interpretativista, com métodos de hermenêutica e fenomenologia, ou seja, pelo viés qualitativo. Destacam ainda que o simples fato da escolha de um método não é determinante para configurar a pesquisa em um dos dois paradigmas.

O autor aborda que a separação entre eles não é clara, como exemplo cita a questão do estudo de caso que historicamente é um método de pesquisa interpretativo que deve ser dirigido por um viés positivista. Ainda complementa quanto a análise de conteúdo, haja vista que pesquisadores positivistas a utilizam com frequência, sendo que na realização da técnica muito da interpretação é utilizada.

Uma das críticas às diferenças entre as duas abordagens é que “os pesquisadores quantitavistas consideram a pesquisa qualitativa – lócus em que se dá a observação, descrição e interpretação do fenômeno, como carente de objetividade” (Gamboa, 1995, p. 67). Assim, há inúmeras discussões acerca do conflito, que pode ser considerada uma guerra de paradigmas desde a década de oitenta.

A desqualificação dessa discussão acontece com relação à crença de um único método científico (válido), na unidade da ciência e na crença da existência de metodologias distintas para a abordagem das Ciências Exatas e Naturais e para as Humanas e Sociais. Desta forma, inúmeras são as divergências observadas (Gamboa, 1995).

Os defensores de cada abordagem são ferrenhos em suas posições, os quantitativos defendem a sua objetividade, a não utilização do viés pessoal do pesquisador, que é mais científico que o qualitativo, que descrevem o fenômeno como ele realmente é. Já os que defendem os qualitativos expõem que os quantitativos deixam de fora de suas análises os vieses relacionados ao ser humano e defendem a questão da cientificidade invocando que os procedimentos realizados para a pesquisa a tornam científica.

Muitos estudos colocam estas abordagens uma contra a outra. Contudo, o que se deve considerar para a verificação desta decisão é o estudo quanto a natureza prática, empírica e técnica, ou seja, a escolha entre a estas abordagens passa pela elaboração do problema de pesquisa e sua operacionalização. Se deve considerar também para a definição de seu uso os recursos materiais disponíveis, temporais e pessoais para resolução da pergunta científica.

Minayo e Sanches (1993) destacam que do ponto de vista metodológico, não há contradição, nem continuidade entre a investigação qualitativa e quantitativa, ambas são de naturezas diferentes. A abordagem quantitativa tem como campo de práticas e objetivos trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis, deve-se usar em grandes aglomerados de informações, classificando-os e tornando-os inteligíveis através de variáveis. A abordagem qualitativa adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente.

Bauer, Gaskell e Allum (2008) apontam as diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa com a expressão no quadro que segue:

Tabela 1 – Diferenças entre os tipos de pesquisa

Dados	ABORDAGENS	
	QUANTITATIVA	QUALITATIVA
Análises	Números	Textos
Protótipo	Estatística	Entrevista
Qualidade	<i>Hard</i>	<i>Soft</i>

Fonte: Adaptado de Bauer, Gaskell e Allum (2008).

Cabe ressaltar que Creswell (2007) aponta para uma abordagem mista, sendo o meio pelo qual o pesquisador realiza uma metodologia de investigação que combina ou associa as duas formas. É mais do que uma simples coleta e análise dos dados, envolve um levantamento simultâneo ou sequencial para melhor entender os problemas da pesquisa.

Jick (1979) chama essa combinação de “triangulação” e estabelece ligações entre elas. Morse (1991) propõe a “triangulação simultânea”, para o uso ao mesmo tempo das duas abordagens. Nessas possibilidades metodológicas, observa-se que a interação na coleta de dados é reduzida, mas na fase do tratamento dos mesmos, aumenta significativamente.

Para isso, visualiza-se o que Gamboa (1995) chama de terceira reação, que concebendo as condições de produção do conhecimento, propõe a síntese e a superação de falsos dualismos e dicotomias epistemológicas. “Busca-se a objetividade processual e a correção dos desequilíbrios oriundos dos radicalismos, aceitando a produção do conhecimento como realidade socialmente construída” (p. 89).

Gatti (2001, p.74) destaca que

É preciso considerar que os conceitos de quantidade e qualidade não são totalmente dissociados, na medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta (portanto é uma qualificação dessa grandeza) e, de outro, ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si.

Partindo dessas premissas, pode-se destacar a pesquisa quali-quantitativa ou quantitativa-qualitativa como uma das formas apropriadas no tratamento dos dados uma vez que permite a abertura, a recorrência entre o cientista e os participantes da pesquisa e contribui para uma visão em constante processo de formação.

Gamboa (1995, p. 106) acrescenta que

[...] na medida em que inserimos os dados na dinâmica da evolução do fenômeno e este dentro de um todo maior compreensivo, é preciso articular as dimensões qualitativas e quantitativas em uma inter-relação dinâmica, como categorias utilizadas pelo sujeito na explicação e compreensão do objeto.

Nesse sentido, conforme características, limites e vantagens das abordagens citadas, salienta-se que se pode construir uma integração entre as duas abordagens, pois para se analisar com fidedignidade uma situação dada pode ser necessário o uso de dados estatísticos e de dados qualitativos, bem como das análises sugeridas por cada uma dessas escolhas. O que irá desvelar a importância de cada uma ou das duas juntas é o propósito da pesquisa e a natureza do objeto a ser estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa constitui a busca, a investigação, movida pela necessidade de solucionar um determinado problema. Do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra.

A partir da indefinição do que é considerado qualitativo e quantitativo, bem como do que é melhor, dentro de um mesmo paradigma, muitos estudos colocam estas abordagens uma contra a outra, conforme descrito, e que o pesquisador deve decidir por uma ou outra abordagem. Contudo, o que se deve considerar importante para a verificação desta decisão é o estudo quanto à natureza prática, empírica e técnica, ou seja, a escolha entre as duas abordagens passa pela elaboração do problema de pesquisa e sua operacionalização. Por exemplo, é inapropriado analisar o comportamento emocional do gestor pelo viés quantitativo, sendo que adequado seria o viés qualitativo, além disso, a operacionalização do método tem que ser possível de ser aplicada ao objeto de estudo. Se deve considerar também para a definição de qual usar, os recursos materiais disponíveis, temporais e pessoais para resolução da pergunta científica.

Conforme já descrito, Minayo e Sanches (1993) destacaram que pelo ponto de vista metodológico, não há contradição e nem continuidade entre a investigação qualitativa e quantitativa, consideram que as duas são de naturezas dissemelhantes. Do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra. De que adianta utilizar instrumentos altamente sofisticados de mensuração quando estes não se adequam a compreensão de seus dados ou não respondem a perguntas fundamentais? Resumindo, uma pesquisa quantitativa não se torna “objetiva” e “melhor”, pelo fato de utilizar sofisticados instrumentos de análise, bem como uma abordagem qualitativa em si não garante a compreensão em profundidade do assunto se a análise não for realizada de maneira adequada.

Estas observações quanto à questão metodológica e epistemológica é interessante para rebater vários estudiosos no assunto que, do ponto de vista científico, colocam a abordagem quantitativa acima da qualitativa, sendo esta mais perfeita, pois levam em consideração que as pesquisas qualitativas são baseadas em “subjetivismo”, “impressões”, ou no máximo, “atividades exploratórias”.

Compartilha-se da ideia de Minayo e Sanches (1993) onde indicam que não há uma relação de contradição entre a abordagem qualitativa e quantitativa, cada uma tem seus aspectos próprios, suas concepções. A não contradição metodológica e não maior cientificidade epistemológica de uma ou outra deixa a encargo do pesquisador observar o que é adequado a sua pesquisa, para assim realizar a melhor escolha possível, visando a resolução do problema de pesquisa, desde que realizada adequadamente e com coerência.

Para os estudiosos da área de ciências sociais aplicadas que se consideram positivistas, e como descreve Collis e Hussey (2005), possuem o viés totalmente quantitativo, não seria um momento de rever seus conceitos quanto esta ligação positivista-quantitativa? Na realização de suas pesquisas, sempre a quantitativa irá melhor responder a pergunta de pesquisa, bem como o contexto geral da pesquisa de forma adequada? Não caberia uma verificação em estudos qualitativos, métodos quantitativos, a qual podem melhorar a sustentação de seus resultados e conclusões, visando a evolução da pesquisa em si, bem como o aperfeiçoamento da área como um todo?

A mesma pergunta pode ser feita para os auto denominados qualitativos, que para Collis e Hussey (2005), estão enquadrados no paradigma fenomenológico. Em suas pesquisas carregadas de julgamentos próprios, subjetivismo e impressões, a utilização do quantitativo não poderia sustentar melhor os resultados, inclusive dando resposta para aqueles que geram desconfianças das pesquisas pela falta de uma rigidez adequada? Também não elevaria a condição da pesquisa em ciências sociais aplicadas?

Para Serva, Dias e Dias Alperstedt (2010), as ciências sociais aplicadas explicam os fenômenos organizacionais que a cada dia estão mais complexos, havendo a necessidade de um aprofundamento maior por parte das atuais pesquisas. Neste interím, ainda há amplo domínio das pesquisas com viés tradicionalistas de disposição positivista e funcionalista, sendo necessária uma mudança no desenvolvimento teórico destas pesquisa, visando melhor explicar o complexo contexto organizacional.

Esta mesma condição, de desenvolvimento adequado da pesquisa no complexo mundo organizacional atual também se faz presente na pesquisa de Arévalo e Espinosa (2015), que indicam que estudar tais organizações com métodos diversos, buscando melhor explicar os fenômenos, se faz necessário devida as críticas quanto ao paradigma mecanicista tradicional quais grande número de pesquisas se enquadram.

Como reflexão final, fica a seguinte questão: Como está sendo tratada esta questão nas pesquisas realizadas atualmente? Têm-se vieses de pensamento que uma é melhor que a outra, mas se analisa corretamente no momento da escolha? Utiliza-se coerência ou o que é mais agradável, o que “acha-se” melhor? Será que em algum momento esta diversidade de pensamentos irá convergir para uma concordância, que as duas abordagens são importantes, que não são oposição, mas sim complementaridade?

Referências

- Andre, M. E. D. A. (1983). *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liber Livro.
- Arévalo, L. E. B., & Espinosa, A. (2015). Theoretical approaches to managing complexity in organizations: A comparative analysis. *Estudios Gerenciales*, 31(134), 20-29.
- Bauer, M. W.; Gaskell, G. & Allum, N. C. (2008). Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. Bauer, M. W. & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Bruyne, P.; Herman, J. & Schoutheete, M. (1977). *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Cervo, A. L. & Bervian, P. A. (2002). *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall.
- Collis, J. & Hussey, R (2005). *Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. Porto Alegre: Bookman.
- Creswell, J. W. (2006). *Research design: qualitative & quantitative approaches*. Thousand Oaks, CA: Godoi, C. K.; Bandeira-de-Melo, R. & Silva, A. B. (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva.
- Diehl, A. A. & Tatim, D. C. (2004). *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. Pearson Brasil.
- Demo, P. (1995). *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia da pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Penso.
- Gamboa, S. S. (1995). Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. Santos Filho, J. C. & Gamboa, S. S. (orgs.) *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez.
- Gatti, B. A. (2007). *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Líber Livro.
- Gil, A. C. (2009). *Estudo de caso*. São Paulo: Atlas.
- Guerra, I. C. (2008). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia.

- Gunther, H. (2006). Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22 (2).
- Hayati, D.; Karami, E. & Slee, B. (2006). Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty: the case of Iran. *Social Indicators Research*, 75 (3), 361-394.
- Jick, T. D. (1979). Mixing qualitative and quantitative methods: Triangulation in action. *Administrative science quarterly*, 24(4), 602-611.
- Kuhn, T. (1978). *A estrutura das revoluções científicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectivas.
- Lincoln, Y. S. & Denzin, N. K. (2005). Epilogue: The eighth and ninth moments: Qualitative research in/and the fractured future. *Handbook of qualitative research*, 3, 1103-1114.
- Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico? *RAC-Revista de Administração Contemporânea*, 15(2).
- Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993). Quantitativo - qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de saúde pública*. Rio de Janeiro, 9(3).
- Morse, J. M. (1991). Approaches to qualitative-quantitative methodological triangulation. *Nursing research*, 40(2), 120-123.
- Richardson, R. J. et al. (1989). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 2 ed. São Paulo: Atlas.
- Serva, M., Dias, T., & Dias Alperstedt, G. (2010). Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. *RAE-revista de administração de empresas*, 50(3).
- Severino, A. J. (2010). *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez.
- Tesch, R. (2013). *Qualitative research: Analysis types and software*. New York: Routledge.
- Tripodi, T. et al. (1981). *Análise da pesquisa social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Trivinos, A. N. S. (1988). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.